



Vasco Rosa

Centenário de João Afonso, VII

A baleia entra na história cultural

A escassas semanas de ver publicado na Panorama. *Revista portuguesa de turismo* um seu importantíssimo artigo sobre a arte dos *scrimshaw*s, em Junho de 1967, João Afonso escreveu para o *Diário Insular* outro desenvolvido artigo sobre a história açoriana-americana da baleação. Hoje, com extensa e fascinante bibliografia sobre o tema, e museus nas Lajes do Pico (1988) e em Santa Cruz das Flores (2015), talvez estejamos longe de apreciar com a justiça e o respeito devidos quanto os primórdios da historiografia e da museologia açoriana da caça aos grandes bichos oceânicos ficaram a dever a este homem,¹ para mais — e acho que faz sentido sublinhar isto — nascido e criado numa ilha, a Terceira, sem expressão significativa no que à indústria da baleia diz respeito.² E no entanto, foi no Museu de Angra do Heroísmo, e com João Afonso muito em particular, que começaram as primeiras tentativas públicas de colecta de artefactos e de contactos institucionais europeus e americanos tão imprescindíveis, afinal, à constituição de colecções expositivas e de roteiros históricos com vocação educativa.

Uma aguda percepção de que esse mundo estava a chegar ao fim enquanto economia e modo de vida mundial e também regional, e do papel central que os açorianos de mar tiveram em tudo isso (a maior aventura humana incluída), impôs dedicação longa e específica a quem tinha já uma vasta galeria de interesses literários, artísticos e até etnográficos,³ e culminará — trinta anos depois — em *Mar de Baleias e de Baleeiros*, exposição e catálogo levados a cabo no contexto da Expo'98, em Lisboa. Não é este o momento, menos ainda sequer o espaço, para o inventário exaustivo dos artigos, prefácios e outros textos — além da vasta pesquisa iconográfica — de Afonso sobre este tema, mas não deixa de ser muito esclarecedor que numa caricatura dedicada ao nosso autor ele carregue uma baleia às costas, segurando a sua cauda sobre o ombro, com as duas mãos... (Mateo Alzina Dover *fecit*).

Realço todavia um ponto que me parece de tremenda actualidade: a defesa subtil mas firme — feita em 1967, note-se — da absoluta necessidade de investimento em pesquisas histórico-culturais que ultrapassem o perímetro arquipelágico e estabeleçam redes (como agora se diz tanto) e benefícios recíprocos com instituições congéneres. Pesquisas em arquivos centrais portugueses, mas também em quaisquer outras geografias e instituições patrimoniais tidas como pertinentes para o fim em causa. Museus dotados de meios humanos e financeiros para desenvolverem o seu trabalho científico sem restrições de qualquer tipo merecem *decisão e consenso político de longa duração*, como resposta à condição periférica dos Açores. Museus enfraquecidos por sub dotação orçamental e escassez de mecenato cultural ficam impedidos de cumprir a sua vocação primordial de lugares de conhecimento e de *produção de conhecimento*, continuamente renovado e actualizado por natureza. Também aí — afinal — a lição de João Afonso não perdeu actualidade, muito antes pelo contrário...

Vasco Rosa

Estudos para a história das relações entre Portugal e a América por intermédio dos baleeiros

Desde o último quartel do século XVIII Portugal e os Estados Unidos têm experimentado mútuas influências de vária ordem, sendo porém de particular relevo e de interesse muito especial as que provieram da indústria baleeira.

O assunto deste capítulo está longe de ser perfeitamente conhecido e a bibliografia específica portuguesa e americana é bastante reduzida, havendo, por outro lado, um acervo de documentação que importa explorar tanto em arquivos norte-americanos, designadamente os dos museus baleeiros da Nova Inglaterra e respectivas sociedades históricas como em arquivos portugueses, contando-se entre estes, conforme é sabido, o Arquivo Histórico Ultramarino, de Lisboa, e o Arquivo Distrital de Angra do Heroísmo.

A emigração portuguesa para os Estados Unidos começou a processar-se com expressão volumosa há pouco mais de um século, com o *rush*

do ouro da Califórnia e o petróleo — que viria a fazer declinar a indústria baleeira. Os Açores e a Madeira, como regiões de marcada vocação emigratória já largamente demonstrada com a fixação de casais ilhéus no Rio Grande do Sul e nas zonas fronteiriças do Brasil sulino no século XVIII, e mesmo anterior, seriam atraídos para a América do Norte e para mais longe, por exemplo, as ilhas Hawai, tal como hoje sucede em relação ao Canadá, à África do Sul e até à Austrália.

Aliás, pelo que respeita aos Açores, quem desconhece as viagens de exploração pelos mares de oeste a partir da Ilha Terceira tanto dos irmãos Côrte-Real e de outros, possivelmente antes do próprio Colombo uma delas?

Assunto de mais recente conhecimento é o que foi objecto duma comunicação do dr. Manuel Baptista de Lima ao Congresso Internacional da História dos Descobrimentos: a tentativa de estabelecimento em pleno século XVI da colónia Barcelona em determinado ponto da costa da Nova Escócia, a Sable Island.

No reinado de D. José I e de acordo com as informações, enviadas de Angra, pelo Capitão-General dos Açores D. Antão de Almada, começou o Marquês de Pombal a prestar viva atenção à indústria baleeira com vista a aproveitar-se uma riqueza que abrangia quer os Açores — aonde acorriam barcas da Inglaterra e da América inglesa — quer as costas do Brasil, quer — é bem possível — as costas africanas, designadamente do Congo (Angola) e do Canal de Moçambique, para já não falar das costas do Continente.

Desde a *Revista dos Açores*, desde os jornais açorianos que a precederam de trinta anos (o primeiro jornal publicado no arquipélago foi a *Chronica da Terceira*, ano 1830), encontram-se em letra de forma nos Açores alguns elementos, sobretudo de ordem estatística ou de carácter puramente estimulante da iniciativa local, relacionados com a exploração baleeira. Mais tarde, o *Arquivo dos Açores* inseriu, com critério de informação estritamente histórica, valiosos contributos sobre essa actividade insular, fazendo recuar os leitores para a época pombalina. A partir destes dados, nunca mais se deixou de falar das actividades baleeiras no Arquipélago, sendo eles quase sempre reeditados em valiosas publicações de tomo por autores nacionais e estrangeiros ou em simples compilações de interesse menor. À volta da *baleia* surgiram, com efeito, durante os últimos cem anos, não só estudos de História Natural — de notada qualidade — como também expressiva literatura ao longo do conto, da narrativa, das crónicas e até romance e ainda vários apontamentos de índole histórica e etnográfica.

Os elementos a aproveitar — cujo volume se descortina como importantíssimo — poderiam levar, nos Açores, não só à montagem de um museu baleeiro (assunto que anda, aliás, no ânimo de açorianos interessados desde há uma vintena de anos ou talvez mais) como a aprofundados estudos históricos que conduziram ao levantamento de uma monografia completa capaz de emparceirar em extensão e profundidade com estudos efectuados já nos Estados Unidos, Brasil e na Europa. Muito haveria que fazer neste sentido em Portugal. E não seria de pouco interesse o capítulo ou os capítulos que fossem preenchidos com as relações entre Portugal e os Estados Unidos por intermédio dos baleeiros.

De longa data Portugal interessou-se pela exploração baleeira. A sua acção neste quadro, e só pelo que respeita ao além-mar, remonta aos primeiros tempos da história económica do Brasil, como indica Roberto C. Simonsen, ao referir por nota recolhida na *História Geral do Brasil*, de Porto Seguro, que «em 1603, [Portugal] favoreceu a introdução da indústria da pesca da baleia [no Brasil], à qual deu nesse ano princípio, na Bahia, um biscainho chamado Pedro de Urecha, que trouxe para isso duas barcas e alguma gente de Biscaia», nota em que se acrescentam que «esta indústria desenvolveu-se de tal modo que, logo daí a poucos anos, começou a arrematar-se o contrato a 600 e 700\$00 por ano».

Os Ingleses na época colonial americana trouxeram aos Açores (segunda metade do século XVIII) os seus veleiros. E se há notícia de que nos primeiros anos do século anterior uma baleia encalhou na ilha de São Jorge, nada se pode, por enquanto, aventar quanto à data da introdução primeva da indústria baleeira nos Açores, embora não se possa deixar de admitir que, com os biscainhos vindos para os Açores na conquista